

# DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

*Stella coelli extirpavit: percepção, trânsito sacrificial e devoção na ladeira da penitência do convento de Nossa Senhora da Penha na província do Espírito Santo (séc. XIX)*

*Stella coelli extirpavit: perception, sacrificial transit and devotion on the penitence slope of the convent of Nossa Senhora da Penha in the province of Espírito Santo (19th century)*

Ludmila Caliman Campos Vinhas Alcuri<sup>1</sup>

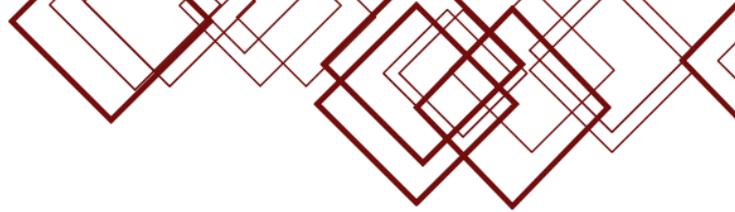
**Resumo:** O presente artigo tem como principal objetivo compreender a importância da Ladeira da Penitência, localizada no Convento de Nossa Senhora da Penha na Província do Espírito Santo, para a devoção mariana no século XIX. Para este fim, fizemos uma análise histórica e cartográfica do Convento de Nossa Senhora da Penha, bem como um estudo sobre alguns relatos encontrados em jornais do século XIX referentes especificamente a Ladeira da Penitência. Paralelamente a isso, tratamos de entender como a Ladeira da Penitência se converteu em um espaço devocional potencializada pela prática do trânsito sacrificial e percepção do sagrado na natureza e monumento construído.

**Palavras-chave:** Igreja Católica; Marianismo; Convento de Nossa Senhora da Penha.

**Abstract:** The main objective of this article is to understand the importance of Ladeira da Penitência, located in the Convent of Nossa Senhora da Penha in the Province of Espírito Santo, for Marian devotion in the 19th century. To this end, we made a historical, cartographic and special analysis of the Convent of Nossa Senhora da Penha, as well as a study of some reports found in 19th century newspapers referring specifically to Ladeira da Penitência. At the same time, we try to understand how Ladeira da Penitência became a devotional space enhanced by the practice of sacrificial transit and perception of the sacred in nature and built monument.

**Keywords:** Catholic church; Marianism; Convent of Nossa Senhora da Penha.

<sup>1</sup> Professora titular e pesquisadora na Faculdade Pública de Ensino Superior de Linhares (Faceli) onde coordena o Laboratório de Cultura, Representação e Imagem em Estudo (CRIE/FACELI) e membro permanente do Conselho Superior (Consup). Além disso, é colaboradora nacional do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (LEIR/UFES/USP) e membro do Instituto de Pesquisa Arqueológica e Etnográfica Addam Orssich (IPAE). Atualmente, atua nas áreas de História, Arqueologia e Antropologia, com ênfase em Cultura Material, Antropologia Cultural e do Consumo e História das Religiões e Religiosidades. E-mail: alcuri.ludmila@gmail.com



## Introdução

O Convento da Penha é o mais antigo centro de peregrinação mariana do Brasil. O complexo abrange uma área de 632,226 m<sup>2</sup> e está localizado no alto de um penhasco a 154 metros de altitude, tendo sido tombado como patrimônio histórico-cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1943 (CONVENTO DA PENHA, 2022).<sup>2</sup>

A história do Convento da Penha se inicia em 1558 com a chegada do frei franciscano Pedro Palácios à capitania do Espírito Santo. Natural de Medina de Rioseco, na Espanha, Palácios teve um sonho místico com o Convento de Arrábida e sua decisão de vir para o Brasil decorreria supostamente da profecia nele contida (SANTOS, 2008, p. 6). Ademais, vale frisar que o frei morou no Convento de Arrábida antes de vir para o Brasil, o que talvez tenha influenciado não somente sua grande devoção a Maria e o fortalecimento dessa devoção no Brasil, mas, sobretudo, a forma como deveria ser construído o futuro Convento de Nossa Senhora da Penha em termos de arquitetura, estrutura e funcionamento. Alguns anos após a chegada do frei à capitania do Espírito Santo, este se encarregou da construção de uma capelinha na planura do morro da Penha dedicada a São Francisco de Assis, entre 1558 e 1562 (COUTINHO, 2002, p. 102).<sup>3</sup>

De acordo com Willeke (1974), o frei Pedro Palácios, que morava numa gruta aos pés da ladeira do atual Convento, exercia seus trabalhos religiosos na capelinha de São Francisco de Assis, onde mantinha um quadro de Nossa Senhora dos Prazeres que trouxera de Portugal.

---

<sup>2</sup> Apesar da importância histórica, religiosa, arquitetônica, cultural e turística desse complexo religioso católico, não é possível identificar muitas pesquisas acadêmicas sobre o Convento da Penha. Embora a história do Convento da Penha esteja presente nas obras de memorialistas como, por exemplo, Basílio de Carvalho Daemon (1879), e em obras referentes à historiografia mais tradicional, como as elaboradas por Maria Stella de Novaes (1984) e José Teixeira de Oliveira (1975), é importante mencionar que poucas são as obras dedicadas exclusivamente a esta temática. Sobre a abordagem histórica do tema, foram identificadas os seguintes trabalhos: o livro de Maria Stela de Novaes, intitulado *Relicário de um povo: o santuário de Nossa Senhora da Penha no Espírito Santo* (1958); o livro de Basílio Rower, intitulado *O Convento de Nossa Senhora da Penha do Espírito Santo* (1965); o livro de Venâncio Willeke, intitulado *Antologia do Convento da Penha* (1974); o livro de Guilherme dos Santos Neves, intitulado *História Popular do Convento da Penha* (1999) e o artigo de Alberto Carlos de Souza, intitulado *Convento da Penha: um lugar de memória e de história cultural* (2012). A lacuna historiográfica parece, de alguma forma, acompanhar a carência de análises históricas acerca da presença franciscana no Espírito Santo, de modo geral.

<sup>3</sup> A escolha de se construir a capela no alto do morro se deu pelo fato de que esta deveria ser fonte de irradiação do sagrado, não admitindo o convívio ou proximidade do impuro. Mary Douglas (1976) aponta que o conceito de “impuro” não estaria relacionado necessariamente à sujeira, mas à desordem. Isso porque a sujeira/impureza ofenderiam a ordem. Logo, a igreja deveria ser edificada em um local que se convertesse em um centro de ordenação do mundo pela religião.



Segundo relatos orais escritos em obras memorialistas como a de Pizarro (*apud* ROWER, 1965, p. 24-26), a pintura teria desaparecido três vezes, mas, em todas as ocasiões, foi encontrada no alto do morro onde hoje se encontra o convento, entre duas palmeiras, onde teria surgido uma fonte de água. Ainda segundo Pizarro (*apud* ROWER, 1965, p. 24-26), esses eventos, vistos como milagrosos pelo frei Pedro, teriam sido sinais de que a Virgem Maria desejava que ali fosse construída uma ermita em sua honra. Como forma de legitimar a devoção local, o frei encomendou a um amigo de Lisboa uma imagem de Nossa Senhora, medindo 76 cm, que chegaria em 1569. No ano seguinte, teríamos a primeira Festa da Penha, fortalecendo ainda mais o culto à Nossa Senhora na Capitania do Espírito Santo (NEVES, 1999, p. 32).

A capela de Nossa Senhora da Penha estava prestes a ser terminada quando o frei Pedro morreu, em 1570.<sup>4</sup> Vale frisar que, anos depois de sua morte, mais especificamente em 6 de dezembro de 1591, como forma de legitimar a posse franciscana do local, a então governadora da capitania do Espírito Santo, Luíza Grinalda, faz uma doação, por escritura pública, do Outeiro das Ermidas das Palmeiras para a Ordem dos Franciscanos, sendo este um Título Colonial de Doação.<sup>5</sup>

169

Ao longo do século XVI, a obra da capela em honra a Nossa Senhora da Penha foi finalizada e passou por algumas ampliações graças à ajuda de devotos e alguns amigos do

---

<sup>4</sup> De acordo com o *Correio da Victória*, Edição nº 00073 de 2 de junho de 1872, na ocasião da morte do frei Pedro Palácios, “concorreu para o monte em numerosa multidão o povo da Vila, e acharam o se cadáver de joelhos, encostado ao Altar da Capelinha de São Francisco, sua comum habitação, com as mãos levantadas ao Céu, como quem orava, e para onde, podemos crer, voara sua alma, e junto a ele o animalzinho gato, seu fiel companheiro. Com lágrimas e suspiros e um geral sentimento de todos, depois de lhe beijarem enternecidos os pés, lhe deram sepultura no alpendre ou copiarzinho da Ermida de Senhora da Penha, junto ao portal que entra para ela [...]” Após a morte do frei Pedro Palácios, uma devoção a sua figura ganhou vulto entre os moradores da Vila Velha e da Vila Vitória. Isso fica ainda mais evidente na ocasião do traslado da ossada do frei para o Convento da Vila de Vitória conforme também atesta a mesma edição do jornal *Correio da Victória*: “Aos 18 de fevereiro de 1619, o Guardião, com alguns religiosos mais, passaram da Vitória para a Penha, e aberta a sepultura do Servo de Deus dela foram tiradas as suas relíquias; os ossos limpos e a calvária com os seus miolos inteiros e secos, sem corrupção alguma, um pedaço do cordão e outros do hábito. [...] De todos oram veneradas, com lágrimas de devoção e júbilos da alma, as defuntas relíquias, não como despojos tristes da morte em comum, mas com insígnias gloriosas da imortalidade e bem-aventurança nos justos! [...] Essas relíquias tinham sido depositadas em uma urna de madeira posta sobre uma padiola, que foi carregada por quatro religiosos franciscanos. Os levitas entoaram o cântico dos mortos às irmandades e confrarias; depois destas, seguiam as pessoas mais notáveis das duas vilas, e no fim de todos a turba dos habitantes sem distinção. [...] Muitos enfermos saíram à rua para tocar na urna; tal era a fé que tinham na cura por esse meio.” O texto ainda continua apresentando diversos relatos de pessoas que foram curadas ao entrarem em contato com os ossos do frei Pedro Palácios. Willeke (1964, p. 52) indica que isso só foi possível porque distribuíram pedaços de ossos do frei a parte da população de Vila Velha, dada a grande devoção popular e a recusa inicial de transferir seu túmulo de Vila Velha para Vitória. Deste modo, os restos mortais do frei se converteram em relíquias que fortaleceram ainda mais a fé dos devotos, cooperando para uma ampliação do culto a Nossa Senhora da Penha na região.

<sup>5</sup> Título Colonial de Doação (*apud* NOVAES, 1958, p. 223-225).

falecido frei. Fernão Cardim (*apud* ROWER, 1965, p. 28) aponta que foram acrescentados detalhes à capela que a teriam “tornado graciosa”, e ampliado sua capacidade para receber até 30 pessoas, o que progressivamente a transformou em um santuário. Sobre a utilização do espaço, ainda podemos afirmar que, no século XVI, além da ermita de Nossa Senhora da Penha e da capelinha de São Francisco de Assis, havia diversas plantações e criação de gado ao longo do morro. Ademais, havia casas para romeiros e a ladeira da penitência. Como afirma Rower (p. 1965, p. 41): “em volta da rocha havia um muro de resguardo até o peito, para se fazer procissões.”

O monumento ainda aparece enquanto topônimo em um mapa datado do início do século XVII, destinado a servir como carta náutica da Capitania do Espírito Santo.

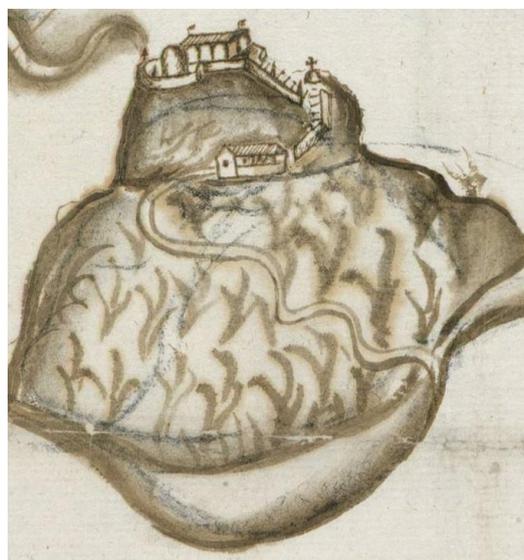


Figura 1 – Santuário de Nossa Senhora da Pena. *Capitania do Espírito Santo* [Material cartográfico] / [Alexandre Massai], [1608-1616], 1 carta náutica: ms., col.; 55 x 82 cm. *Biblioteca Virtual del Patrimonio Bibliográfico*.

Um marco na história do monumento foi o ano de 1648. Dado o destaque do santuário de Nossa Senhora da Penha enquanto espaço de devoção, os jesuítas foram a juízo tentar retirar da Ordem dos Franciscanos o direito sobre o espaço, alegando que o voto de pobreza que professavam os impedia de possuir bens. Os franciscanos, em sua defesa, apresentaram provas de sua propriedade – a escritura pública assinada por Luísa Grinalda que concedia a propriedade à Ordem dos Franciscanos –, e de sua posse, os depoimentos de sete testemunhas que atestavam que os religiosos franciscanos estavam há cinquenta e oito anos na administração do santuário. Dadas as provas apresentadas, a sentença foi favorável aos franciscanos. Considerando a



querela, os religiosos que cuidavam diretamente do Santuário, frei Paulo de Santo Antônio e frei Francisco da Madre de Deus, acabaram por convencer o Prelado Maior da necessidade de se construir um convento para proteger a propriedade no futuro (ROWER, p. 1965, p. 49-52).

Nesse sentido, um ponto fundamental para essa empreitada foi a conversão do santuário em um convento. O pontapé inicial para tanto se deu em 17 de junho de 1652, quando o governador do Rio de Janeiro, Salvador de Sá e Benevides, que tinha uma família abertamente devota a São Francisco de Assis, doou recursos para a construção do complexo (ROWER, p. 1965, p. 53). Logo, foi possível, ao longo dos séculos XVII e XVIII, construir no Convento celas para os religiosos, uma cozinha, uma área para despensa, varandas, corredores, oficinas, entre outros pequenos espaços, o que permitiu com que o monumento ganhasse os contornos arquitetônicos hoje conhecidos (ROWER, p. 1965, p. 138-139).

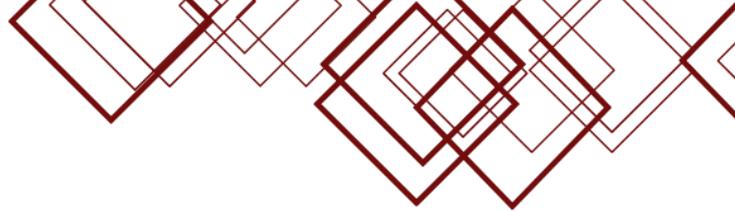
Entretanto, é necessário ressaltar que foi no século XIX que algumas importantes obras de caracterização interna foram realizadas. O altar-mor, por exemplo, foi construído, originalmente, ao estilo rococó, no início do século XIX, sendo composto por mais de 200 peças feitas de 19 tipos diferentes de mármore. O interior do prédio foi revestido com madeira em cedro, entalhado pelo escultor português José Fernandes Pereira entre os anos de 1874 e 1879. Ele ficou responsável por esculpir o zimbório, os retábulos, as cornijas, os capitéis e as arcadas. O convento ainda recebeu obras pintadas por Vitor Meireles (1877), bem como obras sacras idealizadas por Pedrina Calixto (1926) (WILLEKE, 1974).

171

### **Trânsito sagrado: romarias no Convento de Nossa Senhora da Penha**

Enquanto espaço de devoção, é digno de nota que o Convento da Penha, ainda no século XVI, se converteu em um local de constante peregrinação. Ali se estabeleceram muitas romarias e constantes visitas de viajantes que iam agradecer e cumprir promessas feitas à figura sagrada de Nossa Senhora. O próprio José de Anchieta aponta isso em uma de suas cartas, datada de 1572:

Na Capitania do Espírito Santo ha duas vilas de Portugueses perto uma da outra meia legua por mar. Em uma delas, que está na barra e chamam Vila Velha por ser a primeira que ali se fez, está num monte mui alto e em um penedo grande uma ermida de abobada que se chama Nossa Senhora da Pena, que se vê longe do mar e é grande refrigerio e devoção dos navegantes e quasi todos vêm a ela em romaria, cumprindo as promessas que fazem nas tormentas, sentindo particular ajuda na Virgem Nossa Senhora, e diz-se nela



missa muitas vezes. Esta ermida edificou-a um Castelhana com ordens sacras chamado frei Pedro, frade dos Capuchos, que cá veiu com licença de seu Superior, homem de vida exemplar, o qual veiu ao Brasil com zelo da salvação das almas e com ele andava pelas aldeias da Baía em companhia dos Padres. (ANCHIETA, 1933, p. 319).

É possível que, em vida, conforme indica Anchieta, Pedro Palácios já recepcionasse peregrinos e romeiros. O que sabemos, entretanto, é que o mais antigo registro de uma romaria ao Convento aconteceu em 1573, tendo sido comandada pelos jesuítas Luís de Grã, Inácio de Tolosa, entre outros, que estavam ali em agradecimento por terem sobrevivido a um naufrágio na foz do Rio Doce (LEITE, 1938, p. 221).

Apesar de alguns registros de peregrinações ao Convento nos séculos XVI ao XVIII, foi no século XIX que a Festa da Penha se converteu em um grande evento. Tanto é que a Assembleia Legislativa Provincial do Espírito Santo criou a Lei nº 7 de 12 de novembro de 1844, declarando o “Dia da Festa da Penha”, de “Grande Gala” e feriado para as repartições públicas (*Almanak Administrativo, mercantil, industrial e agrícola da provincia do Espirito Santo*, Edição Nº 00002, 1885). A importância da festa ainda se expressa nos vários anúncios que circulavam nos jornais do século XIX.

172

Vale destacar que Vila Velha ficava repleta de pessoas de diversas partes da Província do Espírito Santo e do Rio de Janeiro, com destaque para visitantes de Vitória, Campos e São João da Barra. Gomes Neto, na obra *As Maravilhas da Penha* (1888) aponta que a Festa da Penha realizada em 1887 recebeu um altíssimo número de romeiros, superior a 500 mil pessoas.

Willeke ainda atesta que (1974, p. 111):

As cerimônias duravam sempre duas noites e um dia, com solenidades pomposas e exercícios piedosos. Iniciavam-se pelas vésperas solenes, seguidas, no dia imediato, pela festa propriamente dita, com aparato suntuoso e sermão, função que até 1856 esteve a cargo, por devoção, do Padre Dr. Inácio Rodrigues Bermudes, provinciano, ex-frade franciscano, muito simpático e comunicativo, além de eloquência que imprimia aos seus sermões. [...] Quando terminava a parte religiosa do altar, o guardião descia para a Casa dos Romeiros e aí era servido o banquete aparatoso, com profusão de iguarias, doces e vinhos. Todos tomavam parte no respasto a convite do religioso. [...] Desde as vésperas, o Convento oferecia um aspecto feérico, como também a igreja de Vila Velha, interna e externamente. Em alguns lugares do Campinho acentiam-se fogueiras, como na Casa dos Romeiros. Também a ladeira ostentava lampiões de barro e de mabus, com pavios de algodão embebidos em querosene, em toda a sua extensão, até a Capela do Bom Jesus, onde a iluminação então se tornava abundante.



## ANNUNCIOS.

### A POMPOSA FESTA DE NOSSA SENHORA DA PENHA Em seu Convento este anno de 1856.

O guardião do convento de N. S. da Penha participa ao respeitavel publico, que se acha reedificado o mesmo convento faltando tão somente dourar-se o corpo da igreja e que, tendo de fazer a mudança da veneranda Imagem para seu proprio altar tem de haver o seguinte: No sabbado da Aleluia principiarão as novenas como he de costume, e no sabbado seguinte haverá a vespera da mudança do que acima fallamos sendo orador o Rev. vigario de Carapina, no domingo terá lugar a referida mudança depois do que se celebrará missa cantada sendo orador ao evangelho o Rev. Dr. João Climaco d'Alvarenga Baugel. A noite haverá a vespera da festa costumada sendo orador o Rev. padre mestre João Luiz da Fraga Loureiro, concluida a vespera haverá um lindo e variado fogo artificial de composição do Sr. Luiz Ribeiro das Chagas. Na segunda feira terá lugar a decantada festa da veneranda Imagem que no dia antecedente subirá a seu elegante e magnifico altar, sendo orador ao evangelho o Rev. Dr. Ignacio Rodrigues Bermude. A noite haverá *Te-Deum* sendo orador o Rev. prior do Carmo Frei Antonio de N. S. das Neves, na terça feira pertence o mesmo guardião que se celebre uma missa cantada em que elle mesmo será orador, por todos os devotos que contribuirão com suas esmollas para a reedificação do mesmo convento e reparo da igreja. A noite em acção de graças ao Todo Poderoso por haver inspirado tantas emoções de piedade para se levar a effeito a obra que o mesmo convento demandava se celebrará um solemne *Te-Deum Laudamus*, em que será orador o Rev. padre Joaquim de N. S. da Penha Carvalho. Em todos estes actos tocará a musica do Sr. professor Balthasar.

Convento de N. Sr da Penha aos 19 de fevereiro de 1856.

173

Figura 2 - Jornal *Correio da Victória*. Edição Nº 00014. Datado de 20 de fevereiro de 1856.



**FESTIVIDADE**  
DE  
**N. S. da Penha**

*De ordem de S. P. o revdm. padre-  
mestre provincial, faço publico a fes-  
tividade da VIRGEM SANTISSIMA DA  
PENHA, que se venera em seu tradic-  
cional convento na villa do Espirito-  
Santo, a qual será effectuada da ma-  
neira seguinte :*

*A's 10 horas do dia 3 do corrente,  
será celebrada Missa solemne em honra  
ao Senhor Bom-Jesus.*

*A's 8 horas da noite do dia 4, Ves-  
peras solemnes, e ás 11 horas do dia 5  
Missa solemne, sendo entoado ás 8 ho-  
ras da noite Te-Deum Laudamus em  
acção de graças.*

*Findo estes actos religiosos, será  
queimado um bem preparado fogo de  
artificio.*

*Para maior brilhantismo pede-se o  
comparecimento de todos os fieis de-  
votos.*

*Convento de N. S. da Penha na villa  
do Espirito-Santo, em 1 de maio  
de 1889.*

*O syndico :*  
**ANTONIO JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS.**  
2-1<sup>ma</sup>

Figura 3 - Jornal *A provincia do Espirito Santo* - jornal consagrado aos interesses provinciaes filiado a escola liberal. Edição Nº 01929. Datado de 02 de maio de 1889.

As manifestações festivas no Convento da Penha recebiam romeiros, figura religiosa em movimento, que desenvolviam uma espécie de “peregrinação ritual” na medida em que, anualmente, se dirigiam para um espaço sagrado o qual era cuidadosamente preparado para as performances sagradas (as missas) e profanas (os jantares, as músicas e as danças). Ademais, entre os romeiros, se desenvolviam vínculos de reciprocidade e solidariedade que fortaleciam a consciência coletiva do grupo, reforçando a memória religiosa e seus ritos. Nesse sentido, a



romaria se converteu em uma espécie de reatualização da tradição como forma de preservar os valores sagrados católicos e as identidades coletivas vinculadas à imagem do Convento da Penha.

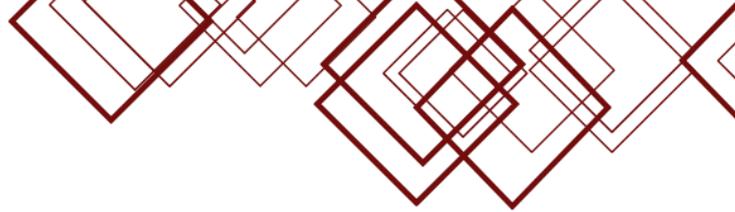
### **A Ladeira da Penitência: percepção do espaço sagrado e trânsito sacrificial**

Todos os espaços e lugares são uma forma de linguagem. Independentemente da sacralidade, espaços e lugares dizem algo sobre a cultura, a história e os costumes a que pertencem. No entanto, os espaços e lugares sagrados consistem em uma forma de linguagem religiosa e estão mais inseridos em um sistema semiótico de significados e cultura. O espaço é sagrado apenas porque é visto como tal pelos crentes. Ser um espaço sagrado significa ser um “objeto” codificado com significados determinados e pretendidos, ou seja, dados significados ideológicos ou míticos produzidos especialmente para serem consumidos como tal, criando uma identidade e uma memória coletiva desejáveis (BARROSO, 2017, p. 344).

Construções arquitetônicas, como templos, igrejas, sinagogas, mesquitas ou santuários são marcadores óbvios do espaço sagrado. Outras manifestações materiais do poder divino estão em ambientes naturais que são, via de regra, reservados para atividades espirituais voltadas à introspecção. Por vezes, árvores, animais, montanhas e caminhos são sacralizados a partir do potencial que os espaços naturais apresentam no âmbito de comunicação entre agentes humanos e não humanos. Nesse sentido, as concepções de patrimônio religioso devem ser compreendidas, então, com base nos princípios da cotidianidade, da monumentalidade e da produção natural (STEINKE, COSTA, 2012, p. 52).

Locais de culto no topo de montanhas e colinas são frequentemente percebidos como territórios símbolos de devoção. Locais religiosos que ficam nas alturas fascinam os devotos por se sentirem “mais perto” do espaço divino e “mais distantes” do espaço profano. Ademais, esses lugares i) têm significado pelo que são, ou seja, um território sagrado para adoração e prática religiosa, segundo uma escolha aleatória da hierofania (a santa escolha) ou uma escolha prévia do fator geográfico (a escolha); e ii) têm significado pelo que representam, ou seja, por meio de simbolismo e identidade, eles moldam as relações entre os seres e o meio ambiente; e entre os crentes, compartilhando um tipo de consciência coletiva (BARROSO, 2017, p. 347).

O Convento da Penha apresenta uma altura percebida com admiração pelos devotos. Para se chegar ao topo, foi criado um caminho repleto de simbologias, denominado Ladeira da



Penitência. Também conhecida como “Ladeira das Sete Voltas” e “Estrada das sete Alegrias de Nossa Senhora”<sup>6</sup>, este um caminho de 457 metros que se inicia na Gruta de Pedro Palácios, ao lado do Portão Antigo, e termina no Campinho do Convento.<sup>7</sup> A ladeira tem um caráter de “penitência” devido ao fato de que só pode ser acessada por pedestres e apresenta acentuado aclive e disformidade de calçamento “pé-de-moleque”, o que exige esforço para subi-la.

Nesse sentido, a documentação apresenta diversas referências ao espaço natural que compreende o complexo do Convento da Penha. Em um dos relatos, encontramos o seguinte:

[...] O gracioso e fertilíssimo outeiro, que o circunda é revestido de uma floresta secular, onde a natureza caprichosa ostenta com galhardia esmerada a mais constante vegetação.

Arvores gigantescas pelo lado Oeste com suas cópas pomposas de verdejantes folhagens, projectam amena sombra, que suavisa as fadigas dos que pretendem escalá-lo. [...]

Oh! Como não serão expressiva as vozes de centenas de crentes, acompanhadas do murmúrio doce das ondas, impelidas pela suave e fagueira viração, que as desdobrava na praia, ao soluçar das conchinhas; secundadas pelo ciciar da folhagem, formando umas e outras um dueto acorde, seguidas do coro, que repetia – o orae por nós – com o concurso dos trinados melódiosos dos plumosos cantores dos nossos bosques! [...] (*Commercio do Espirito Santo* de 4 de abril de 1894, Edição 00093)

176

Aqui é possível observar toda a composição do cenário da Ladeira da Penitência, a saber: as folhas e as sombras das árvores unidas ao ressoar das ondas e da brisa do mar da Prainha que, unidos ao som das orações dos devotos, criavam um ambiente religioso singular. Ou seja, aqui se coloca a importância de todos os elementos naturais que compõem cenário da ladeira para o momento introspectivo de uma devoção bucólica e mística fiel.

---

<sup>6</sup> De acordo com a devoção instituída e propagada feita pela Ordem Franciscana, as chamadas “sete alegrias de Nossa Senhora” fazem referência a cada volta da ladeira, sendo cada uma delas: a anunciação, a visita à prima Isabel, o nascimento de Jesus, o recebimento do Espírito Santo, a apresentação de Jesus no templo, a ressurreição e a assunção de Maria (CONVENTO DA PENHA, 2022).

<sup>7</sup> O periódico *O Estado do Espirito-Santo: Ordem e Progresso* de 9 de abril de 1899 (Edição 00081) aponta o seguinte sobre a gruta: “Finalmente na gruta em que vivia frei Pedro Palacios, o Santo Fundador do Convento, a qual fica do lado esquerdo do começo da ladeira acha-se collocada uma pedra de mármore onde o viajante pode ler a inscrição seguinte: *Ecce Petri Palacins areta habitatio prima. Qui dominam a rupe vexit ad ista loca. Mirum Cancebium conseruxit vertice rupis. Quo tandem dominae transtulit effigiem Qual magnis merit s vitta jani promissa. Bonis pramia coelituin habet. Obi ano 1557, jacet conv. S. Franc. Victoriae.* F.T.S.H - 1864. Tradução. Foi esta a primeira pequena habitação de Pedro [Palacios]. O qual trouxe para este lugar a Senhora da Penha. Admirável! Construiu um tempo no cume do rochedo. Para onde mais tarde removeu a sua imagem. Por suas muitas grandes virtudes, logo em vida goza. Dos favores celestiaes dispensados aos justos. Morreu no anno de 1557, e jaz sepultado no Conv. de S. F. da Victoria. F.T.S.H - 1864.”



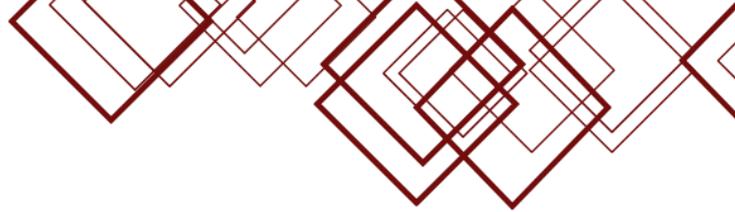
Figura 4 – Romeira na Ladeira da Penitência. Data: década de 1970. Acervo: IHGVV.

A história da Ladeira da Penitência se confunde com a história dos romeiros do Convento, que transitam pelo local desde o século XVI, uma vez que essa era a principal e talvez única via de acesso possível. Até o século XVII, a Ladeira não tinha calçamento. Todavia, entre os anos de 1643 e 1662, a Ladeira foi calçada por indígenas sob coordenação do frei Paulo de Santo Antônio. Dada a grande movimentação e necessidade de reformas constantes, o frei Francisco de Jesus Camargo empreendeu, com a mão-de-obra de escravizados que trabalhavam no Convento, entre os anos de 1774 e 1777, a reconstrução da Ladeira, bem como a construção de seus muros e do seu portão com o nicho onde se encontra a imagem de Santo Antônio (ROWER, 1965, p. 76).

177



Figura 5 - Portão da Ladeira da Penitência. Acervo pessoal.



Acerca do hábito de subir a ladeira como forma de penitência, é possível destacar que ocorria com mais frequência em dias de festa, em grupo e pela manhã.<sup>8</sup> Ademais, era comum fazerem devoções ao amanhecer: “Pela manhã, às 5 horas, concorriam á capella homens, mulheres, creanças velhos, mocços e os romeiros, hospedados, e entoavam por vozes divinas, em perfeitos accordes - a Estrella do Céu (*stella coeli extinpavil*) o ó gloria das Virgens.” (*Commercio do Espirito Santo* de 8 de abril de 1894, Edição 00097).

Sobre a experiência devocional na Ladeira da Penitência, o jornal *O Espirito - Santense* de 22 de abril de 1876 traz um relato bastante singular:

Comecei a subir a calçada, protegida pela sombra de arvores seculares, que, muito a geito, os calculos de grande empreendedor d'esta obra magnifica, ahi deixou, representando uma engenhosa alameda. A natureza do paiz, fertil em produção, conserva ahi a mais constante e risonha primavera. Trepadeiras silvestres entrelaçao-se pelos ramos seccos das arvores, amparando a sua velhice. Aqui e alli saltão constantes os plumosos cantores dos bosques deixando ouvir os seus melodiosos gargeios. Trinão os canarios, chilrão os gaturanos, ululão as rôlas, gemem as jurutys, e os engraçados saguís, receiosos, ás furtivas vem reconhecer o viajante, zombando com suas chocarices dos acênos, que se lhes fazem. As gabiobas, os aragás de coroa, a pitôma, o cajá, o ananaz silvestre, embalsamão essa atmosfera, prenhe de poesia, com seus aromas embriagadores. Nas voltas e fins das ladeiras, que procurão a ilharga da montanha, mas facil ao acesso, notão-se postadas cruces em numero de sete, e que representão os sete passos doloridos da Paixão de Christo, tendo por término no fim da ultima o do Calvario, onde se observa uma capellinha consagrada ao Senhor Bom-Jesus d'aquelle monte, cuja imagem, entregue ao maior desalinho, alli se acha coberta de desprezo, em um altar carcomido, levantado no fundo entre paredes humidas, solo asqueroso, e ameaçando ruina por larga fenda, que se prolonga da cimalha da pequena nave até o meio da parêde, que mira o alto da montanha. E a perfeita imagem da ingratição dos homens! (Edição 00049, 2)

178

A descrição acima revela detalhes da experiência da romeira em seu momento de devoção, indicando como todos os elementos da paisagem – plantas, frutas, animais e rochas – proporcionaram um profundo momento místico-religioso de percepção do espaço. Entretanto, o momento contemplativo é interrompido ao final, quando a devota expressa um sentimento de indignação quanto a má conservação da capela do Senhor Bom-Jesus. Isso nos leva a concluir que tanto o espaço natural quanto o construído cooperavam juntamente para o ritual mítico-religioso experimentado na subida da Ladeira da Penitência. Ademais, naquele momento, a capela de Bom Jesus se converteu em uma parada obrigatória para oração e ponto de chegada

---

<sup>8</sup> “As novenas e vésperas do dia da festa com sermão, devem entrar às 4 horas da tarde, para acabar cedo, afim de que o povo possa descer a ladeira com a luz ainda do dia na forma do costume.” (*Jornal da Victoria* de 13 de abril de 1867, Edição 00301).



do complexo do Convento da Penha, na medida em que seria uma prova de que o devoto finalizou seu trânsito sacrificial.<sup>9</sup>

O jornal *O Estado do Espírito-Santo: Ordem e Progresso*, datado de 31 de janeiro de 1904 (Edição 00026), por sua vez, apresenta um convite a uma penitência coletiva feita para pedir o fim da seca a Virgem Maria. Para tanto, é recomendado que os devotos subam a ladeira de pés descalços.

Alguns devotos mandam celebrar no dia 1 do proximo mez, as 9 horas do dia, no convento de N. S. da Penha, missa de penitência, implorando a mesma Virgem que se compadeça da humanidade, melhorando o estado actual da secca, e para esse fim convidam a todos que quizerem comparecer a assistir a esse acto, a apresentarem-se em signal de penitencia, de pés descalços, e assim subirem a ladeira do Convento.

Em um outro excerto, mais especificamente no jornal *A Folha da Victoria* de 22 de dezembro de 1886 (Edição 00345), são relatados os múltiplos milagres recebidos por aqueles que decidem subir a ladeira do Convento.

179

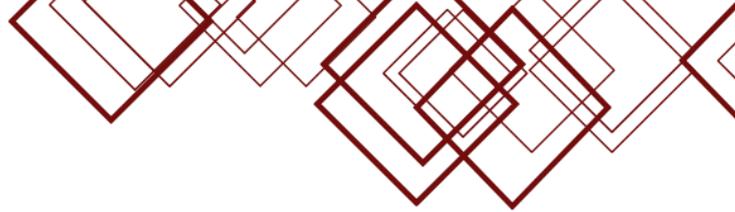
A força de seu poder attestam diversos quadros em que se lê, de cabelos riçados, a história de naufragos vencendo milagrosamente a impetuosidade das ondas do oceano; enfermos restabelecidos de gravíssimas enfermidades; cegos restituídos aos esplendores da luz, e aleijados de prompto curados em recompensa do sacrifício com que galgam o convento, separado da villa do Espírito-Santo por uma ladeira tortuosa e longa, disposta em 7 grandes estações, ficando na penúltima a capellinha do Bom Jezuz.

Na ocasião da Festa de Nossa Senhora da Penha do ano de 1894, o jornal *Commercio do Espirito Santo* faz dois relatos interessantes sobre romarias e milagres na Ladeira na Penitência. No primeiro, datado de 13 de abril de 1894 (Edição 00102) afirma-se que:

Umaz vezes, marujos descalços sopezando o traquete, o velácho, a vela-grande, ainda humedecidas pelas ondas na noite tétrica da tempestade, da qual tinham escapado, subiam reverentes a longa ladeira, com vêlas acessas á mão direita, rezando compassadamente o precioso roزاری, que recorda os mysterios dolorosos, gozosos e gloriozos da Virgem Maria.

---

<sup>9</sup> A capela do Bom Jesus foi, possivelmente, construída no século XVII. Todavia, na segunda metade de século XVIII, ela já estava em péssimas condições, tanto que, entre os anos de 1774 e 1777, sob direção de Frei Francisco de Jesus Camargo, iniciou-se no Convento da Penha um período de reformas que incluiu a capela (NOVAES, 1958, p. 87). O documento analisado evidencia que a capela voltou a ficar em mal estado de conservação na década de 1870. A capela do Bom Jesus seria reconhecidamente uma capela da ladeira do convento, conforme cita o *Jornal da Victoria* datado de 23 de maio de 1866 (Edição 00208). Ademais, Rower (1965, p. 115) aponta que pesquisas arqueológicas feitas na década de 1970 puderam encontrar as pedras de fundação da ermita. Atualmente, o monumento não existe mais.



No dia seguinte, em 14 de abril de 1894 (Edição 00103), o mesmo periódico divulga um caso de uma moça moradora de Queimado que:

[...] firmada sobre muletas, auxiliada por valentes companheiras dificilmente subiu a ladeira, retorcendo-se pelas dores agudas do reumatismo, e voltou sã, descendo por seus pés; e deixando ali esses documentos de um milagre, não prova o dom sobrenatural, obrado pela fé?

Todos os santuários, via de regra, apresentam forte apelo corporal. Nesse sentido, os relatos acima possibilitam traçar um paralelo entre o corpo, o milagre e o caminho, na medida em que a peregrinação é convertida em um ritual salvífico, em uma performance de mortificação da carne a partir da subida penitente do devoto pela ladeira. Vale ressaltar que “a experiência invocada pela performance é importante, sendo consequência dos mecanismos poéticos e estéticos e dos vários meios comunicativos expressados simultaneamente” (MERLEAU-PONTY, 1989, p. 48). Além disso, o trânsito do romeiro pela ladeira apresenta um grande valor simbólico sociocultural ao reclamar a reordenação do desequilíbrio produzido pela doença, pela reintrodução de seu equilíbrio. Dessa forma, narrativas sobre doença e cura, como as descritas acima, são possibilidades de demonstrar que embora os corpos sejam unidades biológicas complexas, submetida às leis da natureza, eles não escapam às experiências e rituais de ordem religiosa.

180

Nas romarias e peregrinações, como é o caso das descritas pela documentação coletada, testemunham-se atitudes de sacrifício público e, muitas vezes, coletiva, a fim de conseguir o favor divino. Logo, o percurso pelo caminho se converte em um processo educativo e sacrificial tanto para o próprio devoto quanto para os demais fiéis, em uma educação corporal e espiritual.

Os relatos indicam ainda que a Ladeira também já foi usada como espaço onde surgiam formas de agradecimento aos romeiros. Isso se expressou, por exemplo, em 1844, quando o frei Gustavo de Santa Cecília colocou, em cada quina da ladeira, barris de vinho para os romeiros durante a Festa da Penha.<sup>10</sup>

Nesse sentido, considerando que o Convento foi, desde a sua fundação, ainda enquanto santuário, um local de grande devoção e milagres, muito influenciado pela vida penitente e santificada do frei Pedro Palácios, a importância da Ladeira da Penitência se dá exatamente

---

<sup>10</sup> “Em 1844 fr. Gustavo de Santa Cecília e Sousa solemnizou a festividade com tanta profusão, por ser rica a colheita das esmolos, que obsequiou o povo, collocando em cada quina da ladeira barris de vinho para reparar-lhe a fadiga!” (*A Provincia do Espirito-Santo: Jornal consagrado aos interesses provinciaes, filiado à escola liberal* de 24 de abril de 1885 - Edição 00777).



pelo seu significado simbólico para o devoto, que se utiliza daquele espaço para fazer ou pagar suas promessas, seja subindo calçado, descalço ou de joelhos.

### **Considerações Finais**

O Convento de Nossa Senhora da Penha ocupa o imaginário coletivo do devoto desde o século XVI. Sua história singular foi marcada por eventos paradigmáticos que cooperaram para a sua relevância social e religiosa, desde a história fantástica de vida e morte do frei Pedro Palácios e dos milagres associados às suas relíquias, passando pelas constantes romarias e pelas festas pomposas que movimentam grande parte da população espírito-santense. Considerando que o espaço sagrado quase sempre indica limites e definições ambíguas tanto da sua sacralidade quanto da sua espacialidade, a documentação evidencia que a sacralização do Convento da Penha estava para além do senso comum. No que concerne à sacralidade, toda a estrutura arquitetônica construída no topo da montanha rivalizava com a Ladeira da Penitência que, ainda assim, converteu-se em um importante espaço devocional, na medida em que ali se manifestava a percepção do sagrado na natureza e a prática do trânsito sacrificial, o que cooperou para a potencialização de um cenário de milagres.

181

### **REFERÊNCIAS**

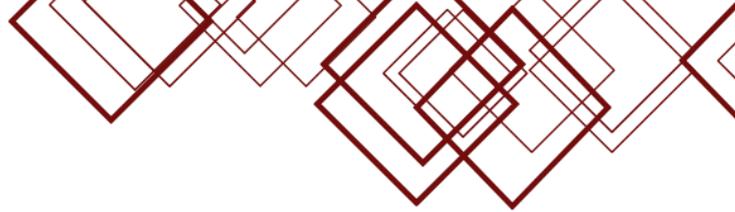
A FOLHA DA VICTORIA (jornal). Edição 00345 de 22 de dezembro de 1886.

A PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO - JORNAL CONSAGRADO AOS INTERESSES PROVINCIAES FILIADO A ESCOLA LIBERAL (jornal). Edição Nº 00384 de 02 de dezembro de 1883.

A PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO - JORNAL CONSAGRADO AOS INTERESSES PROVINCIAES FILIADO A ESCOLA LIBERAL (jornal). Edição Nº 00777 de 24 de abril de 1885.

A PROVINCIA DO ESPÍRITO SANTO - JORNAL CONSAGRADO AOS INTERESSES PROVINCIAES FILIADO A ESCOLA LIBERAL (jornal). Edição Nº 01929 de 02 de maio de 1889.

ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL, INDUSTRIAL E AGRICOLA DA



PROVINCIA DO ESPÍRITO SANTO (almanaque). Edição Nº 00002 de 1885

ANCHIETA, J. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta (1554-1594)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

BARROSO, P. The semiosis of sacred space. *VERSUS*, 125, 2/2017, p. 341-358.

CONVENTO DA PENHA. Capitania do Espírito Sancto [Material cartográfico] / [Alexandre Massai], [1608-1616], 1 carta náutica: ms., col.; 55 x 82 cm. Biblioteca Virtual del Patrimonio Bibliográfico. Disponível em: <https://bvpb.mcu.es/es/consulta/registro.cmd?id=423285> Acesso em: 16 de agosto de 2022.

CONVENTO DA PENHA. *O Convento*. Disponível em: <https://conventodapenha.org.br> Acesso em: 16 de agosto de 2022.

CORREIO DA VICTÓRIA (jornal), Edição nº 00056 de 28 de junho de 1849.

CORREIO DA VICTÓRIA (jornal), Edição nº 00014 de 20 de fevereiro de 1856.

CORREIO DA VICTÓRIA (jornal), Edição nº 00035 de 07 de maio de 1858.

CORREIO DA VICTÓRIA (jornal), Edição nº 00073 de 2 de junho de 1872.

COUTINHO, J. C. S. *O Espírito Santo em princípios do século XIX: apontamentos feitos pelo bispo do Rio de Janeiro quando de sua visita à capitania do Espírito Santo nos anos de 1812 e 1819*. Vitória: Estação Capixaba e Cultural-ES, 2002.

182

DAEMON, Basílio de Carvalho. *História, descoberta e estatística da Província do Espírito Santo*. Vitoria: Typ. do Espírito Santense, 1879.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

IMAGENS VARIADAS. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha (IHGVV).

JORNAL DA VICTORIA (jornal), Edição 00208 de 23 de maio de 1866.

LEITE, S. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo I. 1938.

MERLEAU-PONTY, Maurice *O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas*. Campinas: Papius, 1989.

NEVES, G. S. *História Popular do Convento da Penha*. Vitória: Cultural, 1999.

NETO, G. *As Maravilhas da Penha*. Rio de Janeiro: 1888.

NOVAES, M. S. *Relicário de um povo: o santuário de Nossa Senhora da Penha no Espírito Santo - Brasil*. 2 ed. Vitória, 1958.

NOVAES, Maria Stella. *História do Espírito Santo*. Vitoria: FEES, 1984.



O ESPIRITO – SANTENSE (jornal), Edição nº 00049 de 22 de abril de 1876.

O ESTADO DO ESPIRITO-SANTO: ORDEM E PROGRESSO (jornal), Edição 00026 de 31 de janeiro de 1904.

OLIVEIRA, José Teixeira de. *História do Estado do Espírito Santo*. Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo, 1975.

ROWER, Basílio. *O Convento de Nossa Senhora da Penha do Espírito Santo*. Vila Velha, 2ª ed. 1965.

SANTOS, E. F. *Convento da Penha 450 anos: fé, história e identidade do Espírito Santo*. "Frei Pedro Palácios, o Convento da Arrábida e as origens do culto à Nossa Senhora da Penha. *Jornal A Gazeta*. Vitória (ES), 17 de abril de 2008.

SOUZA, Alberto Carlos de. Convento da Penha: um lugar de memória e de história cultural. *Seção Miscelânea*. Marília, v. 5, 2012, p. 69-78.

STEINKE, V. A.; COSTA, E. B. Da natureza do sagrado à natureza do lugar: Morro da Capelinha (DF) como patrimônio natural. *OLAM*. Ano XII, n. 1-2, janeiro/dezembro, 2012.

WILLEKE, Venâncio (Org.). *Antologia do Convento da Penha*. Vitória: Conselho Estadual de Cultura, 1974.